

## OUTRAS COSTURAS: NARRATIVAS DE RENATA RUBIM COMO FIO PARA UMA HISTÓRIA DA TAPEÇARIA

Bonifácio, Bruna Carmona; Doutoranda; Universidade Federal do Paraná,  
bruna.c.bonifacio@gmail.com<sup>1</sup>

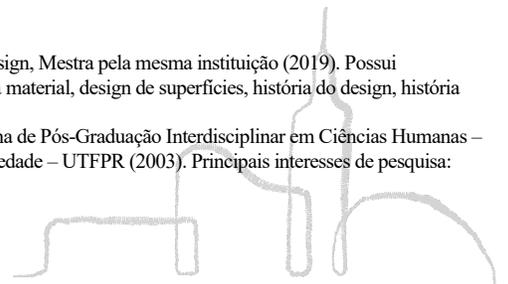
Corrêa, Ronaldo de Oliveira; Doutor; Universidade Federal do Paraná,  
rcorrea@ufpr.br<sup>2</sup>

### RESUMO

Neste artigo pretendemos reconstruir alguns eventos da História da tapeçaria no Brasil, informados pelas narrativas e recortes biográficos da designer de superfície Renata Rubim, pudemos seguir um fio para tratar sobre espaços, sujeitos e suas práticas têxteis entre os anos 1960 e 2000. O procedimento metodológico consiste em analisar fontes heterogêneas tais como entrevistas concedidas por Rubim a jornais; edições do Boletim do Centro Gaúcho de Tapeçaria Contemporânea (CGTC); catálogos de exposições, livros, artigos e dissertações sobre a tapeçaria realizada no Brasil. A análise dos dados é feita de modo qualitativo, buscando entrelaçá-los para narrar uma História com origem, especialmente, em arquivos pessoais. As descobertas realizadas mostram sujeitos que criavam e ao mesmo tempo ensinavam tapeçaria artística nas Universidades Federais de Santa Maria e do Rio Grande do Sul, bem como em espaços culturais, ateliês e onde mais as integrantes conseguissem viabilizar os encontros; explicitam relações entre a tapeçaria e a especialização em design de superfície e a instalação do Polo Textil em Santa Maria; testemunham a renovação na tapeçaria e o intercâmbio internacional de experiências, em especial entre os Centros de Tapeçaria (Centro Brasileiro de Tapeçaria Contemporânea, Centro Paulista de Tapeçaria, CGTC; e do último com o Centro de Tapeçaria Uruguaio, e o Centro Argentino de Arte del Tapis). Por implicações práticas, entendemos que os dados retratam uma disputa histórica e interdisciplinar, a tapeçaria sendo considerada um saber menor por possuir relação com às artes decorativas, com os elementos utilitários e o design de interiores; como também relação com o conhecimento de mulheres. No escopo deste artigo, o embate foi travado especialmente pelo CGTC, grupo majoritariamente formado por mulheres, artistas, artesãs e designers que reivindicavam a autonomia do têxtil e o reconhecimento de seus trabalhos através de estratégias coletivas de existência. Como limitações, não pretendemos esgotar o tema.

<sup>1</sup> Doutoranda em Design pela Universidade Federal do Paraná (2020-2024) na linha de pesquisa Teoria e História do Design, Mestra pela mesma instituição (2019). Possui graduação em Design pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (2013). Principais interesses de pesquisa: cultura material, design de superfícies, história do design, história das mulheres. Este estudo foi parcialmente financiado pela CAPES – código financeiro 001.

<sup>2</sup> Professor da Universidade Federal do Paraná, onde atua em cursos de graduação e pós-graduação. Doutor pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – UFSC (2008), recebeu o Prêmio Capes de Teses (2009). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade – UTFPR (2003). Principais interesses de pesquisa: cultura material, teoria e história do design, produção e crítica de imagem.



Entendemos a pesquisa como original por não existir material que tenha feito essas costuras entre os sujeitos da arte e do design, seus saberes e seus modos de trabalhar na tapeçaria no período retratado. Para tanto, em nosso aporte teórico estabelecemos diálogo com as pesquisas de Ana Paula Cavalcanti Simioni (2007), Maria Isabel de Souza Gradim (2018) e Carolina Bouvie Grippa (2017).

**Palavras-chave:** História do Design; História da Tapeçaria; Renata Rubim.

